

Empresários em campanha

GAZETA MERCANTIL

20 NOV 1989

Os empresários começam a se mobilizar em torno da disputa entre Fernando Collor de Mello, do PRN, e Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, no segundo turno das eleições para a Presidência da República. A socióloga Maria Victória Benevides acha que ninguém ficará em cima do muro: "O embate entre estas candidaturas representa um confronto real e ideológico".

Representantes da indústria, comércio, agricultura, finanças e transportes em São Paulo têm reunião marcada para hoje de manhã, no encontro mensal do Fórum dos Empresários. "Essa reunião nunca trata de política, mas desta vez o assunto será inevitável", disse Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), um dos participantes do fórum. Neste encontro, disse, poderá ser definido o apoio a

um dos candidatos — e as preferências se inclinam para Collor de Mello.

Na quarta-feira, a FIESP deve iniciar contatos com as assessorias dos candidatos tentando agendar reuniões, em separado, com a Confederação Nacional da Indústria (CNI). A idéia é apresentar às equipes dos dois concorrentes um minucioso estudo contendo dados sobre a produção industrial nos últimos anos e várias informações de aspecto social. Uma espécie de programa de governo, que Amato define como "voltado para o desenvolvimento, para a desconcentração do Estado, à economia de mercado e sua internacionalização".

Trabalhos semelhantes foram feitos pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (FCESP) e pela Associação Comercial de São Paulo. As linhas básicas coincidem com as da FIESP. No caso da

FCESP, enfatizam a atividade comercial, e na Associação priorizam a ação voltada para o desenvolvimento das pequenas e médias empresas. Também acompanham a preferência da FIESP por Collor.

A campanha pode levar a Sociedade Rural Brasileira (SRB), uma tradicional entidade da agricultura, a abandonar a postura apartidária que vinha cultivando nestas eleições. "Decidiremos se devemos continuar ou não à margem do processo eleitoral", afirmou o presidente da SRB, Flávio Teles de Menezes. Nesta semana haverá uma reunião para discutir o assunto.

Empresários mineiros ligados ao Centro das Indústrias das Cidades Industriais (CICI) traçam hoje a estratégia de atuação. Stefan Salej, presidente da CICI, está convencido de que é necessário trabalhar seriamente com a perspectiva de que Lula poderá derrotar Collor.

Mas, pelo menos até 17 de dezembro, as empresas poderão ter um período de calma nas relações com os sindicatos, conforme avaliação da ministra do Trabalho, Dorothea Werneck. Ela acredita que a adesão da Central Única dos Trabalhadores (CUT) à candidatura Lula e o engajamento de sua rival, a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), à campanha de Collor impedem a deflagração de greves que poderiam prejudicar os candidatos.

Segundo Olacyr de Mo-

raes, o maior plantador individual de soja do mundo, uma vitória do candidato petista poderia inibir os investimentos no campo: "Nos preocupa sua visão de reforma agrária, de desapropriação de terras produtivas". No mercado financeiro, os temores têm origem na possibilidade de estatização dos bancos e na incerteza sobre o tratamento que a dívida interna terá.

"Lula só assusta quem não passou no vestibular da democracia", disse o presidente do Conselho Nacional de Pecuária de Corte (CNPC), João Carlos Meirelles. "Mesmo que seja Lula, eventualmente, o escolhido no segundo turno, ele certamente sairá do seu atual patamar radical para uma posição conciliatória de um presidente de toda a Nação e não apenas do PT", afirmou Carlos Eduardo Moreira Ferreira, vice-presidente da FIESP.

(Ver página 9)